

LITTERATURA

O CASO DO ROMUALDO

Um dia, de manhã, D. Maria Soares, que estava em casa, descansando de um baile para ir a outro, foi procurada por D. Carlota, companheira antiga de collegio, e socia agora da vida elegante. Considerou isso um beneficio do acaso, ou antes um favor do céu, com o fim unico de lhe matar as horas aborrecidas. E merecia esse favor, pois de madrugada, ao voltar do baile, não deixou de cumprir as rezas do costume, e, logo á noite, antes de ir para o outro, não deixará de persignar-se.

D. Carlota entrou. Ao pé uma da outra pareciam irmãs; a dona da casa era, talvez, um pouco mais alta, e tinha os olhos de outra côr: eram castanhos, os de D. Carlota pretos. Outra differença: esta era casada, D. Maria Soares, viuva: — ambas possuíam alguma cousa, e não chegavam a trinta annos; parece que a viuva contava apenas vinte e nove, posto confessasse vinte e sete, e a casada andava nos vinte e oito. Agora, como é que uma viuva de tal idade, bonita e abastada, não contrahia segundas nupcias, é o que toda a gente ignorou sempre. Não se pôde suppor que fosse fidelidade ao morto, pois é sabido que ella não o amava muito nem pouco; foi um casamento de arranjo. Também não se pôde crer que lhe faltassem pretendentes; tinha-os ás duzias.

— Você chegou muito a proposito, disse a viuva a Carlota; vamos fallar de hontem .. Mas que é isso? que cara é essa?

Na verdade, a cara de Carlota trazia impressa uma tempestade interior; os olhos faiscavam, e as narinas moviam-se, deixando passar uma respiração violenta e colerica. A viuva insistiu na pergunta, mas a outra não lhe disse nada; atirou-se a um sophá, e só no fim de uns dez segundos, proferiu algumas palavras que explicaram a agitação. Tratava-se de um arrufo, uma briga com o marido, por causa de um homem. Ciúmes? Não, não, nada de ciúmes. Era um homem, com quem ella antipathisava profundamente, e que elle queria fazer amigo da casa. Nada menos, nada mais, e antes assim. Mas porque é que elle queria relacionar-o com a mulher?

Custa dizel-o: ambição politica. Vieira quer ser deputado por um districto do Ceará, e Romualdo tem alli influencia, e trata de fazer vingar a candidatura do amigo. Então este, não só quer mettel-o em casa, — e já alli o levou duas vezes, — como tem o plano de lhe dar um jantar solemne, em despedida, porque o Romualdo embarca para o norte dentro de uma semana. Ahi está todo o motivo do dissentimento.

— Mas, Carlota, dizia elle á mulher, repara que é a minha carreira. Romualdo é trunfo no districto. E depois não sei que embirração é essa, não entendo...

Carlota não dizia nada; torcia a ponta de uma franja.

— O que é que achas nelle?

— Acho-o antipathico, aborrecido. . .

— Nunca trocaram mais de oito palavras, se tanto, e já o achas aborrecido!

— Tanto peor. Se elle é aborrecido calado, imagina o que será fallando. E depois. . .

— Bem, mas não podes sacrificar-me alguma cousa? Que diabo é uma ou duas horas de constrangimento, em beneficio meu? e mesmo teu, porque, eu na camara, tu ficas sendo mulher de deputado, e pôde ser. . . quem sabe? pôde ser até que de ministro, um dia. Desta massa é que elles se fazem.

Vieira gastou uns dez minutos em sacudir deante da mulher as pompas de um grande cargo, uma pasta, ordennanças, fardão ministerial, correios do paço, e as audiencias, e os pretendentes, e as ceremonias. . . Carlota não se abalava. Afinal, exasperada, fez ao marido uma revellação.

— Ouviu bem? O tal seu amigo persegue-me com os olhos de mosca morta, e das oito palavras que me disse, tres, pelo menos, foram atrevidas.

Vieira ficou alguns instantes sem dizer nada; depois começou a mexer com a corrente do relógio, afinal accendeu um charuto. Estes tres gestos correspondiam a tres momentos do espirito. O primeiro foi de pasmo e raiva. Vieira amava a mulher, e, por outro lado, cria que os intuitos do Romualdo eram puramente politicos. A descoberta de que a protecção da candidatura tinha uma paga, e paga adeantada, foi para elle um assombro. Veiu depois o segundo momento, que foi o da ambição, a cadeira na camara,

a reputação parlamentar, a influencia, um ministerio. . . Tudo isso attenuou a primeira impressão. Então elle perguntou a si mesmo, se, estando certo da mulher, não era já uma grande habilidade politica, explorar o favor do amigo, e deixal-o ir-se de cabeça baixa. Em rigor, a pretensão do Romualdo não seria unica; Carlota teria outros namorados *in-petto*. Não se havia de brigar com o mundo inteiro. Aqui entrou o terceiro momento, o da resolução. Vieira determinou-se a aproveitar o favor politico do outro, e assim o declarou á mulher, mas começou por dissuadil-a.

— Póde ser que você se engane. As moças bonitas estão expostas a serem olhadas muita vez por admiração, e se cuidarem que já isso é amor, então nem podem mais apparecer.

Carlota sorriu com desdem.

— As palavras? disse o marido. Não podiam ser palavras de comprimento? Podiam, de certo. . .

E, depois de um instante, como lhe visse persistir o ar desdenhoso:

— Juro que se tivesse a certeza do que me dizes, castigava-o. . . Mas, por outro lado, é justamente a vingança melhor; faço-o trabalhar, e. . . justamente! Queres saber uma cousa? A vida é uma combinação de interesses. . . O que eu quero é fazer-te ministra de Estado, e. . .

Carlota deixou-o fallar, á toa. Como elle insistisse, ella prorompeu e disse-lhe cousas duras. Estava sinceramente irritada. Gostava muito do marido, não era loureira, e nada podia aggraval-o mais do o accordo que o marido procurava entre a conveniencia politica e os sentimentos della. Elle, afinal, sahio zangado; ella vestiu-se e foi para a casa da amiga.

Hão de perguntar-me como se explica que, tendo medeado algumas horas, entre a briga e a chegada á casa da amiga, Carlota ainda estava no gráo agudo da exasperação. Respondo que em alguma cousa hade uma moça ser faceira, e pôde ser que a nossa Carlota gostasse de ostentar os seus sentimentos de amor ao marido e de honra conjugal, como outras mostram de preferencia os olhos e o methodo de mexer com elles. Digo que pôde ser; não afianço nada.

(Continúa.)

MACHADO DE ASSIS.

CASAS FREQUENTADAS Pela Aristocracia

FRANCEZA e BRASILEIRA

ESPARTILHOS

Mesdames **DE VERTUS** Irmãs

(PRIVILEGIADAS)

Paris — 12, rua Auber — Paris

O nome de Mesdames de Vertus é universalmente conhecido graças aos seus maravilhosos espartilhos de um corte sempre perfeito e de extrema elegancia. Esta casa, a primeira de Paris, é patrocinada pelas senhoras da alta sociedade da Europa e da America.

O Pedal Magico

O que é o **Pedal Magico**?

Simplemente a alma da machina de costura, que sem este auxiliar só anda extenuando as forças e apresenta graves inconvenientes em razão do seu movimento aspero. Com o **PEDAL MAGICO**, que é applicavel aos diferentes sistemas de machinas, não ha necessidade de aprendizagem e não ha mais cansaço, as forças mais debéis são utilizadas, o movimento é ligeiro, rapido e hygienico. Uma criança fal-a trabalhar. Este **Pedal Magico** é a ultima palavra do aperfeiçoamento das machinas de costura.

Aconselhamos as nossas leitoras que peçam o Catalogo illustrado que a **Casa D. BACLE**, unica proprietaria, 46, rua do Bac, Paris. — envia franco, a pedido.

EXPOSITION UNIV^{lle} 1878

Médaille d'Or Croix de Chevalier

LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

PERFUMARIA ESPECIAL

DE

LACTEINA

E. COUDRAY

Preconizada pelas Celebridades Medicas de Paris
PARA TODAS AS NECESSIDADES DO TOUCADOR

Productos Especies:

- FLOR de ARROZ de LACTEINA para branquear a Pelle.
- SABÃO de LACTEINA para o Toucador.
- CREME e PÓ de SABÃO de LACTEINA para a Barba.
- POMADA de LACTEINA para a Belleza dos Cabellos.
- AGUA de LACTEINA para o Toucador.
- OLEO de LACTEINA para embellezar os Cabellos.
- ESSENCIA de LACTEINA para Lenços.
- PÓ e AGUA DENTIFRICIOS de LACTEINA.
- CREME LACTEINA chamada setim da Pelle.
- LACTEININA para branquear a Pelle.

ESTES ARTIGOS ACHAM-SE NA FABRICA

PARIS 13, rue d'Enghien, 13 PARIS

Depositos em todas as Perfumarias, Pharmacias
e Cabellereiros da America.

Semolina

NOVO ALIMENTO RECONSTITUINTE

Composto

PELOS

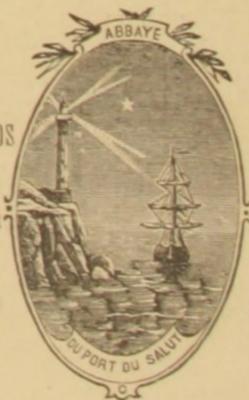
RR.PP. Trapeiros

Menção Honrosa

na EXPOSIÇÃO

Universal Internacional

PARIS 1878



do Mosteiro

DE

Port-du-Salut

Deposito Geral:

PARIS

R. des Lions-St-Paul

Nº 2

Os principios reconstituintes da **Semolina** são obtidos ao mesmo tempo pela porção cortical dos melhores cereaes, e dos saes naturaes do leite de vacca não tendo soffrido alteração alguma.

Creou-se aparelhos especies muito aperfeicoados, tanto para evaporar o soro do leite e mistural-o com a farinha, como tambem para dar a esta mistura a forma de grantos que a torna mais facil de ser empregada.

Este excellente producto é receitado pelas sumidades medicas ás pessoas fracas, aos Convalescentes, ás Crianças, ás Amas de leite, ás pessoas que tem o estomago cançado, o Peito debilitado e a todas aquellas de constituições delicadas, com a certeza de dar-ches um remedio effcaz.

Hoje não vou!

Minha adorada Bertha,

Ante-hontem, á despedida, para te consolar e enxugar as lagrymas que começavam a bailar em teus olhos, prometti que iria vêr-te hoje e levar-te um cartucho de amendoas para repartires com as tuas amiguinhas, das quaes me dizes tanto bem.

Mas, minha querida filha, parece que o acaso gosta ás vezes de dar por terra com os castellos que constroem as mães extremosas, como eu, e as filhas cheias de mimos, como tu.

Imagina que, quando cheguei á porta do collegio, passava um *bond* litteralmente cheio; teria de esperar mais alguns minutos, si não fosse a gentileza de um cavalheiro que

me cedeu o seu logar. Abençoados os cavalheiros que cedem o seu logar nos *bonds* ás mamãesinhas que teem pressa.

E, no emtanto, vê como é desagradecida a natureza humana: ao cabo de dez minutos de viagem, quasi amaldiçoão o obsequioso cavalheiro e quasi faço signal ao conductor para mandar parar o carro.

Não o fiz, comtudo, porque tinha pressa realmente, porque a distancia percorrida era pequena e porque teria de incomodar muita gente.

Eu estava sentada entre dois passageiros, e o meu visinho da esquerda, que era um homem de quarenta annos, bem trajado, provavelmente empregado publico de alta cathegoria ou director de alguma companhia, pae talvez de duas meninas loiras e freneticas, como a minha Bertha; o meu visinho da esquerda, em vez de lêr uma folha, de fumar um charuto, de contemplar o mar, que nos offerece sempre um espectáculo

admiravel, limitava-se a matar o tédio da viagem — que horror! — roendo as unhas.

Não conheço vicio de educação tão desprezível como esse, que nos dá logo idéa de um espirito estreito, vasio, indigno de estar em contacto com pessoas acieadas. E o mais curioso é que esse individuo que roia as unhas das mãos, tinha tempo para cultivar com todo o esmero a unha do dedo minimo, talhada em fórma de amendoa, grande... Pois até entre as unhas haverá Josés e Benjamins?

O resultado dessa penitencia immerecida foi que cheguei á casa com uma enxaqueca formidavel, que resistiu á agua sedativa, ao camphora, ao vinagre, ao repouso, aos carinhos de teu pae; uma enxaqueca impertinente que me perseguiu hontem todo o dia e que ainda hoje me queima a testa como uma estrella dolorosa.

Hoje não vou; hoje não posso levar-te as amendoas.

Em todo caso, ha uma compensação (ha sempre uma com-



pensação para tudo): si perdes as amendoas e a minha visita, ganhas uma excellente licção que, espero, aproveitarás.

Até sabbado. Mil beijos e saudades de tua mãe e primeira amiga,

CAROLINA D.

POESIA

MAZEPPA

Away! Away!
BYRON.

Na anca brutal do tartaro cavallo,
Vêde-o: lá vae na rapida corrida,
A brusco solavanco e ruído abalo,
Pelos campos da Ukrania a toda a brida.

Corre, vóa o corcel! nem ha domal-o!
E a campina, a floresta ennegrecida,
Cheia de lobos, a corrente, o vallo
Corta e cruza na sanha enfurecida.

Quantos, como o polaco, arrebatados,
Leva o ginete audaz do pensamento
A' garupa sangrenta pendurados!

E em vão forcejam por suster com os braços,
Entre o ar que assovia e o firmamento,
O incansavel corcel de alados passos!

ALBERTO DE OLIVEIRA.

VARIEDADE

ERROS E PRECONCEITOS

O BURRO.—Este util animal, não obstante tudo o que os naturalistas escreveram em seu favor, é ainda hoje desprezado e calumniado.

O burro tem a sua origem na Arabia. Quando goza da liberdade ou quando é bem tractado no estado de domesticidade, tem a cabeça alta, o pello suave e luzidio, os olhos cheio de fogo, a attitudo altiva e não destituida de certa graça. Não é menos intelligente que o cavallo, e o é muito mais que o boi e o carneiro. E', afinal de contas, um animal inoffensivo, sabio, paciente, laborioso, e que nos presta grandes serviços. Accusam o burro de ser indolente e vingativo; mas esses vicios provêm em grande parte do estado de degradação em que ás vezes cae, dos maus tractos que lhe damos. Erradamente, fizeram do burro o symbolo da tolice e da obstinação estúpida.

ANIMAES FABULOSOS — Comprehendemos debaixo desta denominação, certos seres imaginarios, cuja existencia era admittida pelos antigos, e aos quaes attribuiam propriedades sobrenaturaes. Assim, acreditavam na existencia dos *centauros*, monstros semi-homens e semi-cavallós; na das *sereias*, metade mulheres e metade peixes; na das *sphynxes*, busto de mulher e corpo de leão; consideravam como verdadeiras outras tantas creações singulares e de ficções poeticas. E' certo que toda a antiguidade acreditou na *phenix*, passaro de uma belleza maravilhosa, dotado de immortalidade, ou antes da facultade de renascer das proprias cinzas.

Os antigos não se mostravam menos credulos com relação ao pretenso poder do *basilisco*. Na opinião delles, o basilisco era um reptil que nascia de um *ovo de gallo* (ha ainda muita gente que acredita nos ovos de gallo). Admittiam egualmente a existencia dos *griffos*, quadrupedes alados, que participavam da aguia e do leão, e estavam encarregados da guarda dos thesouros; a do *dragão*, serpente alada que representa um papel na historia do Tosão de ouro. Todos esses animaes, como a *chimera*, que os resume no seu typo mon-truoso, não são mais que seres ficticios e allegoricos, creados pela imaginação dos poetas.

Os naturalistas tomaram a essa fauna mythologica os nomes de alguns desses monstros. Foi talvez um erro, porque em geral os animaes a que foram applicados não se parecem nada com os descriptos pelos auctores antigos.

Não é preciso remontar muito além dos nossos dias para descobrir narrações de viajantes que attestam a existencia de monstros marinhos com rosto humano, desconhecidos até então, e aos quaes a imaginação sobreexcitada pelo medo empresta dimensões extraordinarias.

A muitos animaes o vulgo attribue propriedades maleficas ou maravilhosas, que se não podem admittir.

ANIMAES UTEIS E PREJUDICIAES. — As sympathias, e, ainda mais, as antipathias para com os animaes são, em geral, pouco fundadas, e provêm muitas vezes da sua fórma desgraciosa ou do seu aspecto repellente.

Muitos animaes são proscriptos como prejudiciaes, quando deveriamos, ao contrario, protegê-los: taes são os morcegos, certos passaros, as corujas e os mochos, etc. Muitos desses animaes são para o homem uteis auxiliares que a Providencia lhe deu, afim de o livrar das numerosas especies que o com-

batem, quer incomodando-o directamente, quer atacando as suas provisões. Algumas agriculturas, depois de terem feito uma guerra encarniçada á toupeiras, viram-se obrigados a compral-as por bom dinheiro para destruir larvas, que produziã dânos incalculaveis.

INTELLIGENCIA DOS ANIMAES. — Os animaes, sobretudo os domesticos, são geralmente mais intelligentes do que supponos, e ha até em alguns delles certo gráu de sensibilidade. O burro não tem nada de estúpido; o porco não é mais desaceiado que outro qualquer animal; o elephante sente vivamente uma injuria, e não a esquece facilmente; o cavallo de guerra comprehende e executa as ordens militares; o cão, amigo fiel do homem, é capaz de rasgos sublimes, e muitos homens não fariam o que fizeram certos cães.

Não esqueçamos isto, para que possamos avaliar os animaes no seu justo valor, e não os maltratemos nunca por prazer; porque é um acto de barbaridade.

ANNOS CLIMATERICCS. — *Climas* é uma palavra grega que significa *escala, intervallo graduado*. Chamam-se *annos climatericos* os que se succedem de tempos a tempos, como de sete em sete, de nove em nove annos, etc. O preconceito popular considera-os como criticos, porque passam por trazer uma mudança, não só na saude do corpo, mas ainda á fortuna e á posição social. Os annos septenarios são particularmente temidos. Certas pessoas crêem que de sete em sete annos o corpo humano soffre uma revolução tão completa, que deve



resultar dahi uma crise perigosissima para a saude. Estas idéas, admittidas pelos medicos da velha escola, têm o grave inconveniente de impressionar as imaginações fracas e inspirar-lhes terrors que, reagndo sobre o organismo, têm muitas vezes realiado predições absurdas em si mesmas.

Estudos serios demonstraram que os annos climatericos não são mais para temer que os outros, e que os homens não mudam de natureza nessas epochas.

O corpo segue a lei normal do seu desenvolvimento e da sua decadencia: eis tudo. Ha momentos na vida em que soffre, é certo, certas modificações inevitaveis, taes como a dentiçào, a barba, os dentes do sizo, etc; mas esta epocha varia, segundo os climas e os individuos, e até na familia.

Varias vezes se têm feito calculos sobre a mortalidade em diferentes edades, e os annos climatericos nunca apresentaram um numero de obitos superior ao dos outros annos.

A. R.

LIVRINHO DE FAMILIA

Modo de limpar o velludo.—Esta fazenda perde o lustro e brilho por effeito da fricção inevitavel no uso. Pode-se restituir ao velludo a sua frescura e maciez primitiva, molhando-o do lado avesso e expondo-o em seguida por cima de um ferro quente sem que este o toque.

O calor vaporisa a agua e esta, sob forma de



MOSAICO

Quando abandonamos com dignidade aquelle que se afasta de nós, ficamos mais airosos que o que nos deixa.

MME DE STAEL.

Contentar-se com fallar sempre de amor é um pobre meio. Si as palavras agradam ás mulheres, só os factos podem convencel-as.

OVIDIO.

A causa do amor é um não sei que, cujos effeitos são incriveis. Eu não sei porque uma coisa tão pequena que quasi ninguem a conheceria, move toda a terra, os principes, os exercitos, o mundo inteiro. Si o nariz de Cleopatra fosse mais pequeno, teria mudado toda a face do globo.

PASCAL.

Não é preciso queimar a mulher que adoramos para nos convencermos que do mais bello idolo só resta por fim um pouco de cinza.

STAHL.

vapor, atravessando o tecido separa e suspende as fibras emmaranhadas ou abatidas umas sobre as outras. Basta, terminada esta operação, deixar seccar ao ar livre.

Contra a picada dos mosquitos.—Com os calores que se aproximam muitas pessoas têm de soffrer as insupportaveis picadas dos mosquitos e borrachudos, a que seguem horriveis comichões, não é pois inutil dar-lhes a conhecer que a *quasia amara*, producto este barato e facil de se encontrar, applicado no ponto picado constitue excellente remedio. Se lavardes o rosto e as mãos com agua de quassia com certeza os malfazejos insectos não vos morderão.

VARIEDADE

OS JURAMENTOS DE PEDRO

CONCLUSÃO

VI

— Ha dez annos vivia no burgo de Santa Suzana, a meia legua daqui, um jornaleiro muito conhecido pelo nome de *Pedro Garrafeira*.

Os seus camaradas deram-lhes esse appellido por causa de uma desgraçada paixão que alimentava o pobre rapaz pelos liquidos em geral e pelo vinho em particular.

Julgo inutil dizer-lhes, meus senhores, que o *Pedro Garrafeira* de ha dez annos e o tio Pedro Bénard são um e mesmo individuo.

Nessa epocha tinha eu os meus trinta annos; havia dous apenas que me casára. A minha profissão posto que pouco rendosa, dava, com o rendimento de umas terras que me deixára meu pae, para vivermos. Teriamos sido muito felizes, si o demonio não viesse desarranjar tudo.

Explicar-lhes como cheguei a amar a bebida, de modo que a não podia dispensar, não é coisa difficil. Todas as manhans os meus camaradas costumavam tomar vinho branco antes de começar a trabalhar. Muitas vezes arrastavam-me comsigo, faziam-me beber copos sobre copos, e por fim diziam-me: „Até amanha!“

Foi assim que me ensinaram o caminho da taverna, e segui tão bem as licções dos mestres, que bem depressa fui eu que lhes dei o exemplo.

Infelizmente, eu não via as consequencias que me podia trazer essa inclinação

Comecei por abandonar o trabalho, e tantas fiz que ao cabo de algum tempo apontavam-me a dedo e recusavam empregar-me.

Isso devia ser uma licção; eu porém não fiz caso. Passei dias inteiros na taverna, bebendo, jogando e espancando aquelles que me lançavam ao rosto o maldito alcinha de *Pedro Garrafeira*.

E ainda si fosse só isso!... Quando vinha para casa, á noite, as scenas eram mais vergonhosas. Si minha mulher tentava reprehender-me, injuriava-a e cheguei muitas vezes a bater-lhe sem dó nem piedade, como um animal que eu era!

E todavia, meus senhores, eu não tinha mau coração.

Mas quando a gente entrega-se á bebida, perde toda a especie de sentimentos, perde sobretudo a força de se corrigir. Algumas vezes a minha consciencia se revoltava contra mim, nas horas bem raras! em que a minha razão não estava afogado em vinho.

Nessas occasiões indignava-me contra o meu proceder; jurava não beber mais... Ora, juramentos de beberrão!... No fim de alguns dias, quando não era no dia seguinte, começava de novo.

Esta vida durou dous annos inteiros.

Minha pobre mulher esgotára todos os meios possiveis para me trazer ao bom caminho; mas não conseguira nada.

Nesse meio tempo nascera-me uma filha... uma filha linda como os amores.

Este facto deu-me que pensar. Vi nelle como uma advertencia de Deus. Pareceu-me que elle se servia desse meio para me corrigir, e que me dizia: „E' preciso que trabalhes para esta creancinha! Vamos coragem!“

Sim, mas onde achar trabalho? No burgo, era impossivel não havia um só habitante que se quizesse utilizar dos meus serviços. Tomei uma grande resolução.

Sem dizer nada a minha mulher, fui ter com o senhor cura: era um respeitavel padre que me havia muitas vezes exhortado a mudar de vida.

Bom velho! recebeo-me como a uma ovelha desgarrada, com todas as precauções, todas as attenções de um pae por seu filho doente. Quando elle viu que eu voltava a mim não poude conter a alegria, abraçou-me:

— Olha, Pedro, disse-me elle; juro curar-te!... sim, foi uma advertencia de Deus, essa. Emquanto não te obtenho collocação, virás trabalhar todos os dias no meu jardim, entendes?

— Sim, senhor cura.

— E agora ouve-me bem. O que é que tu bebes á comida?

— Vinho, senhor cura!

— Vinho, dizes tu? Muito bem!... E bebes muito não é verdade?

— Sei lá. Ha de andar por duas garrafas.

— Ah! é preciso moderação. Promettes fazer o que te vou dizer?

— Sim, senhor cura, prometto.

— Espera-me ahi, que volto já.

O digno padre dirigio-se para o jardim.

Alguns minutos depois, quando voltou, trazia na mão um saquinho.

— Pedro, disse-me o velho, vou impor-te uma grande penitencia, meu rapaz.

— Oh! senhor cura, nunca será demasiada!

— Quem sabe? disse elle sorrindo. Em primeiro lugar, não tornarás a pôr os pés na taverna.

— Oh! quanto a isso, senhor cura, pôde ficar descansado: prometto.

— Depois, continuará a beber, como até aqui, uma garrafa de vinho á comida.

— Menos até senhor cura.

— Cala te! Mas nota bem isto: has de pôr todos os dias na garrafa uma das pedras que estão neste saquinho.

— E ficarei bom?

— Completamente, comtanto que sigas á risca a minha receita.

— O senhor cura pôde ficar tranquillo.

— Quando o saquinho ficar vasio, has de dizer-m'o... Até amanha, Pedro.

— Até amanha, senhor cura, e muito obrigado.

Voltando á casa, contei tudo a minha mulher, rindo-me das pedrinhas... do tamanho de nozes.

O que mais lhes direi, menos senhores?... Durante um mez, — eu tinha tanta vontade de me emendar! — segui á risca a prescripção do bom padre, sem imaginar si quer onde elle queria chegar. Só quando a garrafa, cheia pelo meio de pedrinhas, conteve a metade do vinho, foi que comprehendí a idéa do senhor cura. Graças á sua engenhosa astucia, estava curado... Diminuiu a minha razão, todos os dias, pouco a pouco, sem sentir, e contentava-me agora com o que não me bataria um mez antes.

Quando fui agradecer ao senhor cura, elle tomou-me a mão:

— Que isto te sirva de licção, disse-me elle. Tens um filho a educar, Pedro. Lembra-te que, quando se tracta de um vicio enraizado, não se deve combatel-o de frente. O melhor é abalal-o pouco a pouco, fazendo-lhe até certas concessões. E o vicio vae-se embora, quando menos por espirito de contradicção!

E agora, meus senhores, acrescentou o tio Pedro, levantando-se da mesa, si bebo agua, é porque um dia, um dia só, tive uma rechida e para punir-me quiz tirar ao meu inimigo todo a especie de poder. Jurei nunca mais beber vinho e estou muito disposto, como veem, a cumprir o meu juramento!

VII

Conheces-me, meu charo Renato: sou pouco expansivo por natureza. Pois bem! não me pude ter que não dêsse a esse honrado aldeão um cordial aperto de mão.

E' tão raro encontrar homens que tenham bastante humildade e franqueza para confessar os seus vicios, e sobretudo bastante força de vontade para se emendar!

ROBERTO HYENNE.

A Exposição da Academia

I

Inaugurou-se este anno a Exposição da Academia de Bellas-Artes com um cortejo de novidades e innovações, que applaudimos francamente e oxalá se tornem fixas e inalteraveis. Alludimos em primeiro logar á excellente medida adoptada pela direcção da Academia de cobrar uma taxa extremamente modica de cada visitante; essa taxa representa verdadeiramente um imposto sobre o gosto publico e a favor dos expositores, visto que o seu producto será applicado á acquisição dos melhores quadros e das melhores estatuas. Um dos beneficos effeitos desta resolução, e a nosso ver não é dos menores, ahi está patente e incontestavel: afastou da Exposição essa legião de espiritos inferiores para os quaes a Arte em todas as suas manifestações é uma excrescencia e uma ociosidade, digna da attenção do chefe de policia e de um termo de bem viver.

Antigamente, essa fracção do publico julgava-se com o direito de ir aborrecer-se para diante dos quadros; hoje, porém, a exigencia de dinheiro implica a exigencia de

critica, e a Exposição está reduzida ao numero de adeptos e de adoradores com que realmente pôde contar, hoje, como em todos os annos.

Temos outra innovação, merecedora dos maiores elogios, no catalogo illustrado do nosso amigo L. de Wilde: cabe-lhe o merito da prioridade, e o merito muito maior de ter conseguido de quasi todos os artistas os esboços dos seus quadros. Em honra sua, cumpre accrescentar que a edição do catalogo foi offerecida á Academia em proveito da exposição. Nem de todos se pôdem queixar os nossos artistas; ha ainda entre nós homens que os amam como elles querem e devem ser amados — com um espirito independente, com a indispensavel equidade, com um desinteresse profundo e raro.

Queira, pois, a leitora dar-me o seu braço, e subamos, si lhe parece, ao primeiro andar. E' intencional o pedido: desde que entre os expositores figuram senhoras, é natural que V. Exa. deseje começar pelas representantes do seu sexo, que não se contenta ás vezes com ser bello, e prova que tambem pôde ser tão forte, como esse outro que a si mesmo conferio esse epitheto.

E, olhe V. Exa, temos aqui dous quadros da Exma Sra D. Abigail de Andrada: *O cesto das compras*, e *Objectos de toilette*. Que me diz V. Exa deste primeiro quadro? Quanto a mim, parece-me que temos diante de nós um pintor de muito talento: repare V. Exa para a justa disposição de todas estas cousas... aquella ave morta, de pernas encolhidas; o samburá, aquella carne... dous kilos; não são mais de dous kilos... a cebola; a abobora, que se vê mesmo atravez da garrafa... uma garrafa de azeite, note-se... Mas sobretudo o troco!... Uma nota de quinhentos réis, alguns cobres e dous outros nickeis, perfeitamente distinctos do cobre... Aquelle troco posto a um canto da mesa da cosinha, n'uma bella desordem, contém toda a philosophia do quadro e da vida; vê-se logo que estamos n'uma casa farta e honesta; não nos seria difficil traçar as physionomias de toda a familia e dizer quaes os seus gostos, qual a sua posição, quaes os seus habitos... Não insisto; vejo que V. Exa admira esta pequena téla tanto como eu; mas permitta-me que lhe observe que o caracteristico de todas as creações da Arte, verdadeiramente bellas, está em despertar no contemplador um turbilhão de idéas, que não estão positivamente expressas, mas que estão na intenção do artista e para logo se communicam ao espirito do espectador. V. Exa naturalmente detesta a rhetorica, principalmente a rhetorica surrada dos momentos solemnes; creia, porém, que a rhetorica tem seu sabor como o melão — em não se comendo todos os dias, e a toda hora; e sempre direi a V. Exa que aquelle troco adoravel prova que a artista que o deu possui um saquinho de moedas de puro ouro, de ouro de lei, que certamente viremos a receber sob a fórma de alguns bellos quadros.

Este outro, *Objectos de toilette*, é bem pintado; as flores e as rendas estão bem tratadas; estamos no *boudoir* de Luciola ou de Senhora. Pôde-se dizer que estas flores tem perfume e creio mesmo que as luvas ainda transpiram o fino olor irresistivel da pelle branca da gentil senhora...

V. Ex. vai chamar-me espirito prosaico, alma terrena e vil; confesso todavia, sem corar, que entre este *boudoir* elegante e aquella cosinha, eu prefiro sem a minima hesitação — a cosinha.

Não faltam ao *boudoir* os mil nadas gentis da feminilidade; ha porém em tudo isto alguma cousa de monotono e de banal que me intercepta inteiramente a intenção do artista. E' um quadro que eu não sinto.

Aqui tem agora V. Exa. os quadros do Sr. Firmino Monteiro. São muitos, mas em compensação nem todos são bons. V. Ex. sabe que o Sr. Firmino Monteiro é o autor do conhecido quadro da *Fundação da cidade do Rio de Janeiro*, que é realmente bello e preocupou singularmente o nosso publico. Terminado esse trabalho, o Sr. Firmino Monteiro partio para a Europa e acho que visitou os mais celebres museus. Esta visita despertou nelle o que chamaremos a vertigem dos mestres: o nosso artista ficou perplexo e irresoluto sobre o caminho que devia seguir e a isso talvez se deva essa porção de trabalhos tão diversos, que já estiveram expostos em casa do Pacheco.

Do *Camões no seu leito de morte* notaremos apenas que o rosto do poeta, fallecido ha poucos instantes, está demasiado *faisandé!* Eu não sou, minha senhora, nem medico nem enfermeiro; poucas pessoas tenho visto mortas; mas quer-me parecer que os pintores abusam extraordinariamente do amarello para os corpos mortos e do côr de rosa para os corpos vivos. Emfim, pôde bem ser que o erro seja meu e não delles.

O *Vidigal*, um quadro dos costumes colonias e de pequenas dimensões, é feliz e bem executado: a rotula, a cortina vermelha, o rego, a taboa da passagem, tudo foi pintado com muito carinho; e a não ser talvez a figura do trovador de esquina que podia ser mais fluminense, nada ha nesse trabalho do Sr. Firmino Monteiro que não mereça

sinão elogios. E' natural que, si o auctor persistir neste genero tão pouco aproveitado entre nós, venha facilmente alcançar o logar de mestre, a que tem direito o seu talento e o seu labor.

Ha ainda varias *paysagens* do mesmo auctor com as quaes se podem gastar bem dez minutos ou um quarto de hora, e um episodio da *Retirada da Laguna*, que seria melhor não ter posto lá. Afóra a paizagem, esta mulher, este filho, esta clavina não despertam a minima commoção, nem o minimo interesse. Si o pintor eliminasse a clavina, pozesse o morto a roncar a todo o panno no meio da herva e dêsse a isso o titulo, por exemplo, *Passeio á tarde*, era de suppor que impressionasse mais fundamente os visitantes.

Ah! mas agora reparo que são quatro horas e V. Ex. deseja talvez retirar-se.

Até quinta-feira, minha senhora.

QUIDAM.

HIGH-LIFE

O Rio de Janeiro não se diverte: atordoá-se. E' um não acabar de festas e regosijos! O meu canhenho está cheio de apontamentos: difficilmente poderei aproveitá-los todos numa ligeira chronica.

*

Principiemos pelos theatros, que andam agora *accaparés* por George Ohnet e José Echegaray. Nem o *Mestre de forjas* no Lucinda nem o *Sergio Panine* no S. Luiz tiveram a felicidade de um bom desempenho. Os personagens de Ohnet, e é esse o seu maior atractivo, primam por uma suprema elegancia, como o príncipe da *Mascote*; os nossos actores, francamente, é que não primam por essa condição inalienavel da boa arte dramatica. Por isso vimos no S. Luiz um príncipe que mais parecia um caxeiro de armario aos domingos, e no Lucinda umas fidalgas que desmanchavam o effeito encantador, produzido pela sympatica patrona do theatro.

*

O *Amigo dos diabos*, apesar de ser uma comedia engraçadissima, como as sabiam fazer de parceria Barrière e Thiboust, não conseguiu levar ao Recreio uma unica enchente. o publico perdeu a occasião de apreciar um dos melhores trabalhos do Silva Pereira.

*

Um verdadeiro successo foi o *Principe Topazio*, a nova operetta de Millocker, que o Sr. Arthur Azevedo traduzio, o Sr. Heller montou e os artistas do Sant'Anna representaram perfeitamente.

O *Libreto* faz rir sem recorrer á palhaçadas e *frescuras*, e a partitura contem trechos magnificos, que serão sempre ouvidos com muito prazer.

*

O maior acontecimento da quinzena foi, depois da abertura da exposição de pinturas e photographias, na Academia das Bellas Artes, o concerto que se realisou no Cassino Fluminense, sob os auspicios de S. A. a Sra. Condessa d'Eu e direcção de José White, em beneficio da infancia desamparada.

Todo o *high-life* concoreu a essa festa, que esteve esplendida, graças mais ao prestigio da nossa querida princeza do que ao desejo de amparar a infancia.

*

Alguns dias antes já o bello sexo havia dado o *rendez-vous* no mesmo edificio, para assistir á *matinée* do egoista Beethoven, *matinée* que coincidio com a de João Caetano em boa hora organizada pelo Sr. Vasques.

Em boa hora, digo, porque entre outras cousas, nos proporcionou o prazer de ouvir a Lucinda na *congressista*, de Fernando Caldeira.

A leitora estava lá? Não estava? Oh! não sabe o que perdeu!

*

O meu canhenho falla ainda de corridas de todo genero. Ao que parece, o Club Olympico Guanabarenses consegue sempre reunir uma archibancada selecta e elegante.

Ao que parece, sim, porque não fui ás corridas do Guanabarenses Si eu tivesse o dom da ubiquidade. . .

*

Ainda não vi as formosas leitoras da *Estação* na Academia. . . Mas pelo amor de Deus, minhas senhoras! não

imaginam a que é a *Faceira*, de Bernardelli, um pedaço de marmore que a todo o momento parece animar-se, como Galathea. E o caso é que não faltam Pygmalhões, encantados por aquella belleza indigena!

*

Recommendo igualmente á attenção de minhas leitoras os trabalhos de uma senhora moça e bonita como suas excellencias: D. Abigail de Andrade, discipula do Sr. Angelo Agostini. . . que poderia tomar com ella algumas lições de desenho. Esse é o maior elogio que podia fazer á joven pintora.

E, para ser justo, rogo-lhes ainda que não passe por alto sobre os novos quadros de Pedro Americo, Driendel, Griunu, Péres, Amelio, Amoedo, etc., etc.

No meio de algumas telas encontram-se igualmente algumas *croutes*, indignas de uma exposição séria; mas, depois da fusão da camara e do Senado, toda a promiscuidade é permittida, mesmo fóra da politica.

O nosso *salon* tem um caracter essencialmente egualitario.

Mas desculpemol-o, minhas senhoras, desculpemol-o: *il faut commencer pour finir*.

X. Y. Z.

AS NOSSAS GRAVURAS

A INFIDELIDADE CASTIGADA

Lysandro é homem que póde
Ser pelas damas amado,
Sobretudo se ellas mesmas
Houverem no outono entrado.

Tem algumas cans, é certo,
Mas suppre a flôr, que não dura,
Por aquelles dons de espirito,
Proprios da gente madura.

E não vale isso, e a perfeita
Razão, muito mais? Acrescesce
Que o coração deste amigo
Jamais, jamais envelhece.

Nem é delicto que um homem,
Já fóra da primavera,
Eros busque e os seus encantos,
E os encantos de Cythera.

Certo é que anda namorado;
Pintou-se e lá vae gamenho
Dizer a certa senhora:
„Dou-lhe a vida e quanto tenho“!

Abre-lhe o criado a porta;
Penetra n'uma ante-sala,
Olha em roda, e só a vista
Toda a pessoa lhe abala.

Que viu elle? Reclinada
Em uma fofa poltrona,
Dormindo tranquillamente,
Uma bella mocetona.

E' Belinda, a camareira
De Clelia; andava espanando,
E, de cansada, sentou-se,
E foi no somno pegando.

Como dorme! Na carinha
Pero leite e sangue estão;
Os crespos fios da testa
Confundiriam Platão.

Cova na ponta do queixo,
Morada certa de amor,
E' feita de tal maneira
Que venceria a Nestor.

Desse somno tão profundo
Quando ella houver acordado
Quem não fôr de pedra, fuja!
Ou fica petrificado.

Dorme e ri, sonhando. Sonha
Que um certo Corydon (moço
Que ella ama) vem chegando,
Todo amor, todo alvorço.

Vem devagar, a beijal-a. . .
Ella então pensa: „Fiquemos
Fiquemos bem quietinha,
E este beijinho aceitemos“!

Triste illusão! Não é Corydon,
Não é um rapaz brejeiro,
E' uma planta do outono,
Frangalho de conselheiro.

Lysandro chega. . . Ah! pudesse
Roubar-lhe um beijo! um só beijo!
Todo, todo se debruça,
Para fartar o desejo.

Espicha os labios, espicha. . .
Deixa, oh sonho, essa alma linda!
Não a enganes, foge, foge!
Acorda, acorda, Belinda!

Eil-o que sente na cara
Suave o bafejo della,
Mais se inclina. . . De repente
Acorda e ergue-se a bella.

Como uma Nympha, entre os juncos,
A's mãos de Fauno exquisito,
Assim Belinda desperta,
Levanta-se e solta um grito.

Lysandro recua, livido,
E córa, pois a creada
Nas repintadas bochechas
Prega-lhe uma bofetada!

Pancada de moça, é certo,
Que se disfarça com geito;
Arde por fóra, na cara,
Mas não penetra no peito.

Aqui porem deu-se um caso
Que veio augmentar a pena:
Houve dous olhos que viram
Toda aquella triste scena.

Viram chegar-se Lysandro,
Deter-se em frente á creada,
Curvar-se, espichar os labios,
E colher a bofetada.

Eram os olhos de Clelia,
A dama que elle namora,
Que espia pelas cortinas,
Espia, vê, bufa e córa.

Sae-lhe ao encontro, e na cara
Diz-lhe muita cousa dura,
Chama-lhe perfido e tolo,
Elle jura, elle trejura. . .

Tudo vão! Clelia irritada,
Não contendo a raiva sua,
Rompe de todo com elle,
Mostra-lhe a porta da rua.

Sae o infeliz, que não sabe
Onde os tristes olhos ponha;
Viera buscar amores,
Volta cheio de vergonha.